17-07-2025

O Método de Ramazzini (XVI) "*As Doenças dos Pescadores, dos Marinheiros e Remeiros*"

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Os pescadores que sulcam os mares para captura dos peixes contribuem não pouco para fornecer alimentos e fazer a delícia das mesas. (*Doenças dos Pescadores*, Ramazzini, 1700, p.213-5). Em "*As doenças dos Marinheiros e Remeiros*" (p.276-8) destaca o papel social da navegação: "*arte que permite manter relações mútuas e felicidade pública*" compartilhando bens entre regiões. Seu olhar sensível se volta ao trabalho penoso dos pescadores, marinheiros e remeiros, obrigados *a tolerar as terríveis rajadas de vento, os violentíssimos frios invernais e os mais pesados calores do verão. Que gênero de vida diferente levam, pois, quando os demais operários, cansados do labor diurno, metem-se na cama para passarem comodamente a noite, num sono reparador, as noites dos pescadores estão cheias de trabalho e insônias.* Sobre o trabalho dos Marinheiros e Remeiros, acrescenta: *É justo crer que fora muito penosa a navegação antes do emprego da bússola, para saber para onde se ia. Era preciso ficar toda a noite na intempérie, com o olhar fixo na Ursa Menor.* Dispõe-se atualmente do GPS (Sistema de Posicionamento Global), guiado por satélites que fornecem a posição geográfica precisa e outros equipamentos que informam variações de profundidade, bancos de areia, correntes marítimas e de ventos, etc. Mas intempéries podem danificar celulares (e o GPS), desviando barcos de sua rota (veja). Daí a necessidade de estes trabalhadores dominarem os conhecimentos e disporem de bússolas etc. para navegação automática e manual. Ramazzini menciona outros agravos que atingiam os pescadores: *As roupas dos pescadores constantemente úmidas os expõem a contrair perturbações mórbidas que têm origem na sua transpiração prejudicada, como febres e doenças do peito, pleurites, pneumonias, tosse, dispneias e doenças semelhantes. Por viverem sempre em lugares úmidos, formam-se úlceras nas pernas de cura difícil.* E diferencia as úlceras de pescadores de água doce – *pútridas e degeneram facilmente em gangrenas* – das marítimas – *secas e duras.* Cita também os ataques de peixes venenosos que causavam torpor e adormecimento. Atualmente, animais peçonhentos (p.ex., pelo 'Peixe Pedra') podem ferir pescadores artesanais de mariscos, siris e caranguejos pois o peixe se camufla enterrado na areia, cascos de navios e bases de plataformas de Petróleo, onde esses moluscos e crustáceos têm sua morada. O veneno[1] causa dor intensa persistente, febre e paralisia do membro, podendo levar à necrose. Outros acidentes comuns na pesca artesanal são: afogamentos, cortes, perfurações por anzóis e outros instrumentos, quedas, fraturas...

Entre os menos frequentes, mas graves, está o Escalpelamento de mulheres ribeirinhas e pescadoras artesanais analisado por Carlos Minayo Gomez (Coluna Opinião, 15/01/2019). Somam-se lesões por esforços repetitivos; carregamento de peso excessivo; remar constante e intenso; preparo e embalagem dos frutos do mar; intoxicações por substâncias químicas presentes em corpos hídricos contaminados e por combustíveis (diesel e querosene), usados como repelentes; doenças decorrentes de picadas de insetos; e infecções por fungos, larvas, bactérias, vírus e outros (Pena, Minayo-Gomez e cols, 2018). Nos tempos de Ramazzini, homens singravam mares e mulheres teciam redes e cozinhavam os pescados. Nos tempos de hoje, Mulheres das Águas (Beto Novaes, 2016, 32'25") buscam o sustento de suas famílias na lida harmônica com os animais nos mangues que os abrigam. E lutam pela preservação do berço dessa fauna par e passo destruída pela negligência de grandes empresas (inclusive da Petrobrás). O mangue, para essas trabalhadores, é fonte de trabalho e de vida. A beleza da atividade coletiva dessas pescadoras artesanais contrasta com os relatos de Ramazzini sobre o quão penosa pode ser a arte da pesca e a dos marítimos. O sofrimento no trabalho – percebido como mental e muitas vezes decorrente da exaustão física de jornadas desumanas sob políticas de gestão assediadoras – tem merecido destaque na atualidade. Abordado como um transtorno recente e, até mesmo, emergente no período pandêmico e pós-pandêmico, não escapava ao Pai da Saúde do Trabalhador. Referindo-o como trabalho penoso e, por vezes, associado à subalternidade, dispensa as meias palavras: *Não é intenção minha ocupar-me aqui de doenças dos viajantes, que* [...] *tomam a nau e permanecem nela ociosos, sem servir para nada, e sim dos marinheiros que dia e noite cumprem um contínuo trabalho a bordo.* [...] Afirmando que a situação dos *infelizes* remeiros é *muito mais grave*, descreve a pressão que sofriam: *Se não querem que caia sobre suas cabeças uma pesada tempestade de censuras, são obrigados a fazer andar seu navio somente com os remos, precisando opor todas as forças dos seus corpos à violência dos ventos e do mar, dispostos em longas filas, sentados em seus banquinhos, expostos à tormenta, ventos e chuvas* [...] Quando atacados por doença aguda grave, *são liberados do trabalho penoso pela morte*. As vigílias contínuas da tripulação – *de sua vigilância depende a salvação de todos* – impossibilita o alívio de tristezas pelo sono e sofrem até dormindo. A navegação submete *os marítimos a febres malignas* e a epidemias de *causa extrínseca, má alimentação (gorduras, carnes defumadas e salgadas, pão náutico meio roído) ou água semipútrida.* São atacados por pruridos constantes – causados por piolhos, percevejos e ácaros – pois a água é insuficiente para limpeza da pele e roupas. Os medicamentos devem ser receitados em doses três vezes maiores do que as prescritas em terra. A invenção do motor acelerou viagens marítimas evitando alguns desses agravos, mas epidemias e o trabalho escravo contemporâneo persistem nos modernos transatlânticos. Ramazzini, se hoje aqui viesse, nos diria que a humanidade carece de reinvenção... ■■■

Referências: - Vasconcellos LCF, Gaze R. Saúde, trabalho e ambiente na perspectiva da integralidade: o método de Bernardino Ramazzini. Revista Em Pauta, 32(11):65-88. 2013. // - Ramazzini, B. As Doenças dos Trabalhadores. Trad. Raimundo Estrêla. 4 ed. São Paulo: Fundacentro. 2016. Notas: 1. Há antídoto (Instituto Butantan).

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.